



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

JULIA AN SARTORELLI

**O CONCEITO DE *DEVER* COMO FERRAMENTA PARA ANÁLISE DA TRADUÇÃO
EM SUA PRÁTICA SOCIAL**

MARIANA
Agosto 2025

JULIA AN SARTORELLI

**O CONCEITO DE *DEVER* COMO FERRAMENTA PARA ANÁLISE DA TRADUÇÃO
EM SUA PRÁTICA SOCIAL**

Monografia apresentada ao Colegiado do
Curso de Letras Tradução do Instituto de
Ciências Humanas e Sociais da Universidade
Federal de Ouro Preto como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharel em
Letras Tradução.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Vila Real
Gonçalves

MARIANA
2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S251c Sartorelli, Julia An.

O conceito de Dever como ferramenta para análise da tradução em sua prática social. [manuscrito] / Julia An Sartorelli. - 2025.
40 f.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Letras Tradução .

1. Tradução e interpretação. 2. Grupos sociais. 3. Resistência na arte.
4. Dever. I. Gonçalves, José Luiz Vila Real. II. Universidade Federal de
Ouro Preto. III. Título.

CDU 81`25

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



FOLHA DE APROVAÇÃO

Julia An Sartorelli

O conceito de *Dever* como ferramenta para análise da tradução em sua prática social

Monografia apresentada ao Curso de Letras Tradução da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Letras Tradução

Aprovada em 1 de setembro de 2025

Membros da banca

Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Jhuliane Evelyn da Silva - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Giacomo Patrocínio Figueredo - (Universidade Federal de Ouro Preto)

José Luiz Vila Real Gonçalves, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 05/09/2025



Documento assinado eletronicamente por **Jose Luiz Vila Real Goncalves, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/09/2025, às 16:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0974395** e o código CRC **BFE0030B**.

À toda minha família, amigas e amigos que,
de longe ou de perto, sempre me apoiam
incondicionalmente nessa longa estrada da
vida (e da graduação).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, principalmente ao meu pai Julio, à minha mãe Elaine, ao meu irmão Luigi e ao meu namorado Pedro. Obrigada pela confiança e apoio nesses anos, sem vocês eu não teria força para continuar. Também preciso mencionar Janaína, Marcos, Guilherme, Annita, Jeferson, Gislaine, Leonardo, Luís Paulo, Juliana, Amauri, Ingryd e Isabel. Espero algum dia retribuir tudo o que fazem por mim. Amo muito vocês.

Agradeço também à família que ganhei durante esses anos em Mariana e hoje mora no meu coração. Obrigada Carolina, Laila, Vinícius e Vitor por terem me acolhido como se já nos conhecêssemos uma vida inteira, ou mais. Minha graduação não teria sido tão feliz e divertida sem vocês. Guardo meu diploma ao lado das nossas lembranças.

Agradeço às amigas e aos amigos que conheci numa aventura dentro de outra: o trabalho conciliado à faculdade. Obrigada Cecília, Gabriel, Gustavo, Jade, Ludymilla, Marcus e Thacila pela companhia em todos os momentos, principalmente nos dias em que estávamos apenas nós e os quadros no museu. Eu não poderia sonhar com uma equipe melhor do que essa.

Agradeço aos professores e às professoras que me guiaram com tanta dedicação. Obrigada Adilson, Eliane, Fernando, Giácomo e Jhuliane por todo o conhecimento compartilhado, além dos conselhos acadêmicos e da vida. Obrigada principalmente ao meu professor, coordenador, orientador de projeto de extensão e, agora, amigo Zé Luiz, é uma grande felicidade ter seu nome junto ao meu neste trabalho.

Agradeço especialmente à minha querida amiga, e agora irmã, Mariana. Obrigada por ter vivido os piores e os melhores momentos ao meu lado, literalmente. Foi ao acaso que começamos a dividir uma casa, mas agora dividimos uma vida inteira juntas. Nossa conexão transcende a convivência e por isso nenhuma distância ou período de tempo será suficiente para nos afastar.

“A cultura não é apenas a manifestação artística ou intelectual que se expressa através do pensamento; a cultura se manifesta acima de tudo nos gestos mais simples da vida cotidiana. Cultura é comer de maneira diferente, é dar a mão de maneira diferente, é relacionar-se com o outro de maneira diferente”.

(Paulo Freire)

RESUMO

A presente monografia propõe o conceito de *Dever* como ferramenta para análise da Tradução em sua prática social, na qual é compreendida para além da dimensão linguística, enfatizando seus aspectos sociais, culturais, políticos e epistemológicos. Nesse contexto, a Tradução deve ser orientada, principalmente, pela responsabilidade ética e moral de tradutores e tradutoras ao incentivá-la como meio de promoção da diversidade epistemológica, da preservação cultural e da justiça social. Foi realizada uma pesquisa de caráter bibliográfico, selecionando teorias que pudessem respaldar o conceito de *Dever* e se integrassem com outras áreas das Ciências Humanas como a Antropologia, a Sociologia, os Estudos Culturais e os Estudos Decoloniais. Desse modo, as fontes escolhidas foram encontradas nos livros “A invisibilidade do Tradutor”, e “Escândalos da Tradução”, ambos de Lawrence Venuti (2019; 2021, respectivamente), na Teoria da Funcionalidade, de Christiane Nord (2016), e na Tradução Intercultural, de Boaventura de Sousa Santos (2018). Concluiu-se que a Tradução pode servir como instrumento de dominação, reforçando preconceitos, estereótipos e desigualdades, e perpetuando narrativas hegemônicas. Entretanto, a Tradução também pode e deve, sobretudo, agir em favor de grupos sociais minoritários e marginalizados, tornando-se uma poderosa ferramenta de resistência contra o patriarcado, o capitalismo, a xenofobia, o colonialismo, o racismo, o autoritarismo e qualquer outra forma e/ou estrutura de opressão.

Palavras-chave: Estudos Teóricos da Tradução; Tradução como Prática Social; O *Dever* da Tradução; Tradução e Resistência; Ideologia e Poder na Tradução.

ABSTRACT

This monograph proposes the concept of *Duty* as an analytical tool for Translation in its social practice, which oversteps the linguistic dimension through the emphasis of its social, cultural, political, and epistemological aspects. As a result, Translation must be mainly guided by the ethical and moral responsibility of translators, serving as a means of promoting epistemological diversity, cultural preservation, and social justice. A bibliographical research was conducted by selecting theories that supported the Duty concept development, while also engaging with other areas of the Human Sciences, such as Anthropology, Sociology, Cultural Studies, and Decolonial Studies. Thereby, the chosen sources were found in the books "The Translator's Invisibility" and "The Scandals of Translation", both written by Lawrence Venuti (2019; 2021, respectively), in Functionality Theory, by Christiane Nord (2016), and in Intercultural Translation, by Boaventura de Sousa Santos (2018). It was concluded that Translation can operate as an instrument for domination, reinforcing prejudices, stereotypes, and inequalities, and perpetuating hegemonic narratives. However, Translation also can and must act in favor of minority and marginalized social groups, becoming a powerful tool for the resistance against patriarchy, capitalism, xenophobia, colonialism, racism, authoritarianism, and any other structure of oppression.

Keywords: Theoretical Translation Studies; Translation as a Social Practice; The *Duty* of Translation; Translation and Resistance; Ideology and Power in Translation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. METODOLOGIA	12
2.1. Procedimento para geração de dados	12
2.2. Estratégia de pesquisa	13
2.3. Bibliografia selecionada	13
2.4. Discussão e resultados	14
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3.1. O conceito de Dever	17
3.2. Invisibilidade do Tradutor e Escândalos da Tradução	18
3.3. Teoria da Funcionalidade (<i>Skopostheorie</i>)	20
3.4. Tradução Intercultural	21
4. DISCUSSÃO	23
4.1. A Tradução e a censura na ditadura militar brasileira	25
4.2. A Tradução e a decolonialidade na América Latina	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

1. INTRODUÇÃO

Em um mundo globalizado e igualmente desigual, a cultura e a identidade de grupos sociais diversos frequentemente entram em rota de colisão. Um dos muitos exemplos desse choque ao redor do mundo é a relação conflitante entre Brasil e Portugal na internet, mobilizada principalmente através de comentários em redes sociais. Como pontuado pela pesquisadora em Linguística Hellen dos Santos Nunes (2019),

Tanto brasileiros quanto portugueses mantêm em seu imaginário coletivo de nação uma versão sobre o processo de colonização: impactante, perversa e destruidora para a ex-colônia; suavizada, meritória e justa para a metrópole. [...] Ambos os casos mostram o risco de investir em uma história única, que funciona como um iceberg: a ponta é a reunião das ideias dominantes (ou, mais especificamente, das ideias dos dominantes); abaixo estão todas as histórias dos dominados, silenciadas, submersas, o que impede que sejam enxergadas e reconhecidas, mas que continuam sustentando a parte visível (Nunes, 2019, p. 82-83).

Em casos como este se encontram evidências de que todo discurso é político, se tornando uma revelação mais profunda das ideologias intrínsecas aos sujeitos e consciente ou inconscientemente adotadas no ato de enunciação (cf. Fernandes, 2008). É inegável que os(as) detentores(as) do poder, muitas vezes, usam a língua e a linguagem¹ (cf. Martelotta, 2001) como ferramenta para perpetuar suas próprias visões de mundo, moldando as percepções e as atitudes em relação aos processos de colonização, como visto no exemplo acima.

É exatamente por esse caráter social transformador que ambas língua e linguagem são campos de interesse desde a Antiguidade Clássica, moldando

¹ Segundo Martelotta (2001), “O termo ‘linguagem’ apresenta mais de um sentido. Ele é mais comumente empregado para referir-se a qualquer processo de comunicação, como a linguagem dos animais, a linguagem corporal, a linguagem das artes, a linguagem da sinalização, a linguagem escrita, entre outras. Nessa acepção, as línguas naturais, como o português ou o italiano, por exemplo, são formas de linguagem, já que constituem instrumentos que possibilitam o processo de comunicação entre os membros de uma comunidade. [...] Entendendo linguagem como uma habilidade, os lingüistas definem o termo como a capacidade que apenas os seres humanos possuem de se comunicar por meio de línguas. Por sua vez, o termo “língua” é normalmente definido como um sistema de signos vocais utilizado como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade lingüística” (Martelotta, 2001, p. 15-16).

postulados teóricos que serviram como base para a criação da Linguística como a conhecemos hoje (cf. Roma; Heine; Soares, 2020). Do mesmo modo, a Filologia, a Literatura e a Tradução são mais algumas das áreas do conhecimento científico que possuem a língua e a linguagem como objeto de estudo. A Tradução é mais recente, se consolidando como disciplina formal e autônoma apenas nos anos 1970 e funcionando, principalmente, como uma abordagem pós-estruturalista com foco nos processos históricos e culturais que a permeiam (Pagano, 2001).

Como bem apontado pela pesquisadora e tradutora Adriana Pagano (2001),

A natureza dessas e outras problemáticas focalizadas pelos estudos da tradução aponta para o caráter interdisciplinar desse campo, que dialoga com os estudos linguísticos e literários, a Psicologia, a História, a Antropologia e a Filosofia. Essa interdisciplinaridade vincula, ainda, os Estudos da Tradução a abordagens que também se consolidam na década de 1980, dentre elas, os Estudos Críticos, os Estudos Pós-Coloniais, os Estudos de Gênero e os Estudos Culturais (Pagano, 2001, p.118).

Sendo assim, para além do cerne linguístico, o papel social, histórico, cultural e político performado pela Tradução se torna inegável, especialmente considerando os temas de interesse dos principais campos de estudo aos quais ela se interliga. Dessa forma, é possível inferir que ao traduzir textos inseridos em dinâmicas sociais sensíveis, os(as) tradutores(as), fazem escolhas léxico-discursivas em detrimento de outras, podendo intensificar ou desencorajar práticas estereotipadas e preconceituosas enunciadas dentro de um grupo social, país ou até mesmo em nível mundial.

Tomando o viés social da Tradução como base para a pesquisa desta monografia, foi possível perceber que, no conjunto de obras analisadas, predominam perspectivas estruturalistas e formalistas da comunicação multilíngue, como nos trabalhos de Roman Jakobson (2000) e Eugene Nida (2000). Entretanto, mesmo que algumas dessas teorias não desconsiderem as contribuições da Tradução para as dinâmicas sociais (Nida, 2000), essa constatação, derivada de um recorte específico, aponta para a necessidade do desenvolvimento de abordagens situadas no século XXI que também considerem os aspectos culturais, históricos, políticos e epistemológicos indissociáveis da prática tradutória.

Nesta monografia, a escolha da palavra “*Dever*” ao invés de “tarefa”² (Benjamin, 2000), termo mais comumente associado ao ofício tradutório na literatura científico-acadêmico dos Estudos da Tradução, bem como “papel”, pretende enfatizar o compromisso ético e moral associado à prática tradutória. Enquanto “tarefa” e “papel” sugerem que a Tradução é apenas uma função ou serviço desempenhada dentro da sociedade, *Dever* implica necessariamente uma obrigação para com a sociedade, sem que haja uma distinção hierarquizada entre os diversos grupos culturais, étnicos, epistemológicos etc, coexistentes num mesmo contexto social.

Para atender a essa demanda, mas sem a pretensão de esgotar o tema, esta monografia tem como objetivo propor o conceito de *Dever* como ferramenta para análise da Tradução em sua prática social, através da pesquisa bibliográfica presente nas fontes “A Invisibilidade do Tradutor” e “Escândalos da Tradução”, ambas de Lawrence Venuti (2019; 2021 respectivamente), na Teoria da Funcionalidade, de Christiane Nord (2016), e na Tradução Intercultural, de Boaventura de Sousa Santos (2018)³. A noção de *Dever* aqui proposta é uma extensão dessas e das outras perspectivas abordadas nas seções de fundamentação teórica e discussão, alinhando-se com discussões acadêmicas que reafirmam as responsabilidades inerentes à Tradução e, consequentemente, aos(as) tradutores(as). Além disso, tal conceito pode contribuir não apenas para o campo dos Estudos da Tradução, mas

² Segundo Walter Benjamin, “Pois assim como a tradução é uma forma própria, também a tarefa do tradutor pode ser entendida como uma tarefa própria, podendo ser diferenciada com precisão da do escritor. Essa tarefa consiste em encontrar na língua para a qual se traduz a intenção a partir da qual o eco do original é nela despertado” (Benjamin, 2010, p. 217).

³ Recentemente, Boaventura de Sousa Santos foi acusado por suas ex-alunas de assédio moral e sexual e, posteriormente, pediu para ser afastado de cargos institucionais. A denúncia se deu através da publicação do capítulo “As paredes falam quando ninguém se atreve”, no livro “Condutas Sexuais Inapropriadas na Academia”, das pesquisadoras Lieselotte Viaene, Catarina Laranjeiro e Miye Nadya Tom, em março de 2023 (Viaene; Laranjeiro; Tom, 2023, tradução da autora). Como mulher suscetível a passar pela mesma situação e tradutora lutando por um mundo onde as estruturas de opressão sejam combatidas, eu reconheço que esse fato não pode ser ignorado. A escolha de trabalhar com os conceitos da “Ecologia dos Saberes”, das “Epistemologias do Sul” e da “Tradução Intercultural”, propostos por ele, se dá por sua relevância teórica e pragmática na proposição e aceitação do conceito de *Dever* desenvolvido nesta pesquisa. No entanto, admito que o conhecimento é construído coletivamente e deve ser constantemente expandido e desafiado e, portanto, pretendo aprofundar esse debate e dialogar com outros(as) autores(as) que ofereçam abordagens complementares e/ou críticas de tais conceitos. Disponível em:

<<https://www.publico.pt/2025/05/22/publico-brasil/noticia/historia-capitulos-queda-mito-coimbra-assedio-sexual-2133769>> e <<https://apublica.org/2024/05/>>. Acesso em: 11/06/2025.

também servir àquela relação interdisciplinar entre áreas como a Sociologia, a Antropologia, os Estudos Culturais e os Estudos Decoloniais.

2. METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, esta monografia se utiliza de uma abordagem bibliográfica, conforme a proposta de Severino (2013). O autor justifica que, dentro da metodologia científica, trabalhos previamente publicados como artigos, monografias, ensaios e/ou livros, operam como fontes críticas e revisadas e que podem fundamentar novas produções acadêmicas (Severino, 2013). Essa abordagem também permitiu uma compreensão teórica relevante do tópico e a identificação de possíveis lacunas na bibliografia existente. Assim sendo, este trabalho se situa no ramo dos Estudos Puros e no sub ramo dos Estudos Teóricos da Tradução. Utilizará, portanto, uma abordagem qualitativa e interpretativa para analisar e discutir os referenciais teóricos compilados no desenvolvimento da proposta.

2.1. Procedimento para geração de dados

Foi necessário que um trecho selecionado de pesquisa bibliográfica operasse como procedimento para geração de dados conforme as propostas metodológicas de Lakatos e Marconi (2003), neste caso, o conceito de *Dever*. Em outras palavras, alguns critérios metodológicos, descritos na próxima seção, foram levados em consideração durante a escolha da bibliografia para delimitar o escopo de pesquisa, visto que as obras precisavam oferecer bases teóricas sólidas capazes de sustentar o conceito de *Dever* proposto. Por último, as obras selecionadas foram investigadas com enfoque em alguns parâmetros definidos previamente por Lakatos e Marconi (2003), principalmente para confirmar a relevância desta pesquisa e da discussão apresentada por ela.

Tais parâmetros podem ser classificados em três estágios. Para começar, é preciso escolher um tópico que tenha um respaldo teórico publicado suficiente, facilitando o desenvolvimento da pesquisa de acordo com trabalhos científicos já consolidados na área. Já no segundo estágio, é essencial que o tema não tenha sido alvo de discussão recente ou aprofundada, tornando-o inédito, de certa forma. Por último, ao escolher um tópico que seja delimitado na prática, o pesquisador pode conduzir um estudo mais preciso e coerente com seus objetivos de investigação,

evitando dispersões no tema e assegurando maior profundidade teórica (Lakatos; Marconi, 2003).

2.2. Estratégia de pesquisa

A estratégia de pesquisa envolveu várias etapas. Primeiramente, foi conduzida uma pesquisa em base de dados acadêmicas consolidadas, como o Scientific Electronic Library Online (SciELO)⁴, o Portal de Periódicos CAPES⁵ e, visando o campo específico dos Estudos da Tradução, a revista Cadernos de Tradução⁶. Depois, foi necessário buscar as palavras chave⁷ desejadas em cada um dos sites, selecionando pelo menos quatro ensaios ou artigos relevantes para esta pesquisa e que se encaixassem nos seguintes critérios. Primeiro, foi necessário considerar a relevância das teorias, garantindo que fontes diretamente relacionadas aos aspectos socioculturais da Tradução fossem incluídas, bem como também tivessem alguma ligação com áreas como os Estudos Culturais, Estudos Decoloniais, Sociologia e Antropologia, por exemplo. Segundo, obteve-se uma preferência pela natureza contemporânea das publicações, dando prioridade às obras publicadas até no máximo 50 anos atrás. Além disso, destacaram-se os(as) autores(as) que reiteram a relevância em dar espaço e/ou fazer coalizões à grupos sócio, histórico, cultural e politicamente marginalizados, evidenciando não apenas como os processos de globalização, colonialismo e neocolonialismo, por exemplo, perpetuam desigualdades, mas também como tais grupos constroem estratégias de resistência capazes de questionar e reconfigurar as narrativas hegemônicas.

2.3. Bibliografia selecionada

As teorias selecionadas foram encontradas em quatro fontes bibliográficas: nos livros “Escândalos da tradução: por uma ética da diferença”, e “A invisibilidade do

⁴ Disponível em: <<https://www.scielo.br/>>. Acesso em: 24/03/2025.

⁵ Disponível em: <<https://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 24/03/2025.

⁶ Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/index>>. Acesso em: 24/03/2025.

⁷ Palavras-chave: “tradução cultural”; “tradução e diversidade epistemológica”; “tradução e globalização”, “tradução e prática social”, “tradução e recepção”, “tradução e resistência” e “tradução e decolonialidade”.

tradutor: uma história da tradução”, de Lawrence Venuti (2019; 2021, respectivamente), “Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática”, de Christiane Nord (2016), e no capítulo “Tradução Intercultural: diferir e partilhar *con passionaltà*”, de Boaventura de Sousa Santos (2018), presente no livro “Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial, Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas”, um compilado de textos do mesmo autor.

2.4. Discussão e resultados

Como dito por Lakatos e Marconi (2003), pesquisadoras em metodologia de pesquisa,

Deve-se levar em consideração que os dados por si sós nada dizem; é preciso que o cientista os interprete, isto é, seja capaz de expor seu verdadeiro significado e compreender as ilações mais amplas que podem conter (Lakatos; Marconi, 2003, p. 59).

Consequentemente, a análise das fontes foi conduzida de acordo com algumas fases também propostas pelas autoras e discutidas daqui em diante. Após a leitura crítica das obras selecionadas, com o objetivo de compreender os principais conceitos relacionados ao *Dever* da Tradução, foi necessário fazer uma síntese, identificando suas implicações para sua compreensão como prática social. Nesta fase, a integração das informações obtidas se mostrou essencial para elaborar um panorama coerente sobre a utilização dessas abordagens como argumentos para a elaboração do conceito de *Dever*.

Finalmente, os resultados apresentados evidenciaram como tais abordagens teóricas, entrelaçadas com o conceito de *Dever* aqui proposto, colaboram ou não para a construção de práticas tradutórias mais justas e humanizadas (Sousa Santos, 2018). Ademais, essa discussão pretende alimentar novas perspectivas no campo dos Estudos da Tradução, promovendo debates mais produtivos sobre o uso da Tradução como ferramenta de decolonialidade e resistência de grupos minoritários marginalizados.

⁸ “Com paixão”. Tradução da autora.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Definir a Tradução e o alcance da responsabilidade de tradutores(as) não é fácil. No século XX, os(as) primeiros(as) teóricos(as) dos Estudos da Tradução se fundamentaram em abordagens estruturalistas e formalistas da linguagem. Jakobson (2000), por exemplo, afirma que

Toda experiência cognitiva e sua classificação são transferíveis para qualquer idioma existente. Sempre que houver uma lacuna, a terminologia pode ser qualificada e amplificada por palavras ou traduções emprestadas, neologismos, ou trocas semânticas e, finalmente, por circunlóquios⁹ (Jakobson, 2000, p. 115).

Mesmo que posteriormente o autor acabe questionando os limites de suas próprias definições, as abordagens estritamente linguísticas nos Estudos da Tradução ainda perduram na época e até o final dos anos 1970.

Entretanto, foram outras perspectivas que ajudaram a moldar as práticas de Tradução modernas, como os conceitos propostos por Nida (2000). Para ele, “como não há dois idiomas idênticos, tanto nos significados quanto na organização dos símbolos em frases e sentenças, é plausível que não pode haver correspondência absoluta entre elas. Portanto, não pode haver traduções completamente exatas”¹⁰ (Nida, 2000, p.126). Nesse caso, a Tradução visa a relevância no contexto cultural dos(as) receptores(as), ou seja, ela deve ser culturalmente significativa mesmo que haja uma mudança no contexto de circulação e/ou recepção.

Nas últimas décadas do século passado, os(as) pesquisadores(as) do campo despertaram um interesse cada vez maior pela natureza sociocultural da Tradução e sua relação interdisciplinar com outras áreas das Ciências Humanas, como a Sociologia, a Antropologia, os Estudos Culturais e os Estudos Decoloniais. Essa

⁹ No original: “*All cognitive experience and its classification is conveyable in any existing language. Whenever there is deficiency, terminology may be qualified and amplified by loan-words or loan-translations, neologisms or semantic shifts, and finally, by circumlocutions*”. Tradução da autora.

¹⁰ No original: “*Since no two languages are identical, either in the meanings given to corresponding symbols or in the ways in which such symbols are arranged in phrases and sentences, it stands to reason that there can be no absolute correspondence between languages. Hence there can be no fully exact translations*”. Tradução da autora.

mudança de perspectivas metodológicas, teóricas e epistemológicas é denominada virada cultural (cf. Bassnett; Lefevere, 1990), principalmente porque tais abordagens contextualizam “o exame dos processos tradutórios, considerando-os, não apenas como fenômenos linguísticos ou estilísticos, mas também como processos de transferência de significado entre culturas” (Pagano, 2001, p. 118).

Lawrence Venuti (2019, 2021) é um desses pesquisadores, que, além de colocar o(a) tradutor(a) em destaque, denunciando sua (in)visibilidade, também enfatiza a preservação da alteridade nos textos traduzidos (Venuti, 2021). Suas teorias desafiaram as convenções tradicionais firmadas até a metade do século XX e exploraram a profundidade da relação cultural, social, de poder e de identidade intrínseca aos processos tradutórios (Venuti, 2021). Segundo o autor,

Essa relação aponta para a violência que reside no próprio propósito e atividade da tradução: a reconstituição do texto estrangeiro de acordo com valores, crenças e representações que o precedem na língua e na cultura alvos, sempre organizados em hierarquias de dominação e marginalidade, sempre determinando a produção, circulação e recepção de textos (Venuti, 2021, p. 55-56).

Ou seja, a prática tradutória envolve mais do que apenas uma atividade automática de conversão de palavras entre duas línguas, abrangendo também a complexidade da interpretação e transposição de significados culturais (Venuti, 2019).

Já no século XXI, tem havido uma significativa retomada das abordagens funcionalistas e pragmáticas na Tradução. Christiane Nord (2016), por exemplo, enfatiza que o(a) tradutor(a) necessita “escolher estratégias de tradução adequadas para a finalidade da tradução em que está trabalhando” (Nord, 2016, p.16). A autora, a partir de um estudo aprofundado da Teoria da Funcionalidade (ou *Skopostheorie*), afirma que a recepção de um texto traduzido está intrinsecamente ligada ao contexto sócio-histórico-cultural de circulação do público alvo (Nord, 2016). Nas palavras dela,

[...] Tendo crescido em outra cultura, o receptor do TA¹¹ tem um conhecimento diferente de mundo, um modo de vida distinto, uma perspectiva ímpar das coisas e uma “experiência textual” diferente, à luz da qual o texto alvo é lido.

¹¹ Texto Alvo (Nord, 2016).

Todos esses fatores afetam a forma como receptores lidam com um texto (Nord, 2016, p. 55).

Do mesmo modo, Boaventura de Sousa Santos (2018) analisa a Tradução sob as lentes das Epistemologias do Sul, focando em seus aspectos decoloniais. A Tradução Intercultural é um conceito político desenvolvido por ele em virtude da globalização e a consequente exposição desmedida das desigualdades sociais, como o “capitalismo, colonialismo e patriarcado” (Sousa Santos, 2018, p. 262). O autor estabelece que

A tradução intercultural é uma ferramenta para minimizar os obstáculos à articulação política entre os diferentes grupos sociais e os movimentos que lutam em todo o mundo pela justiça social e a dignidade humana quando estes obstáculos são devidos à diferença cultural e à ininteligibilidade recíproca (Sousa Santos, 2018, p. 263).

Como é possível observar, as concepções sobre a Tradução, seja de maneira geral ou seja sobre sua prática social, têm evoluído dentro do campo dos Estudos da Tradução e se interligado com outras áreas das Ciências Humanas. Através da discussão de como as perspectivas teóricas e epistemológicas de Venuti (2019, 2021), Nord (2016) e Sousa Santos (2018) respaldam o conceito de *Dever* como ferramenta para análise da Tradução em sua prática social, esta monografia oferece uma oportunidade de mediar conexões mais justas e igualitárias entre grupos com identidades e origens diversas.

3.1. O conceito de *Dever*

O conceito de *Dever* proposto nesta pesquisa pretende aprimorar, dentro dos Estudos da Tradução, o de tarefa (cf. Benjamin, 2000), mas não de modo meramente teórico ou abstrato. Pelo contrário, a pretensão criada a partir deste conceito é de natureza pragmática, chegando até mesmo em um nível semântico. Partindo do pressuposto de que o Dicionário escolar da língua portuguesa Aurélio define as palavras “tarefa” e “*Dever*” respectivamente como “trabalho que se deve concluir em determinado prazo” (Ferreira, 2005, p.835) e “ter obrigação de; estar na obrigação de

pagar, restituir” (Ferreira, 2005, p. 314), é perceptível a diferença que se obtém no emprego de cada uma das palavras, principalmente no complexo contexto das relações culturais entre grupos sociais diversos.

A abordagem de *Dever* é mais ampla e vê a Tradução não apenas como um processo técnico, mas como uma prática comprometida com questões de justiça e responsabilidade social. Como afirmado por Sousa Santos (2018),

O trabalho de tradução está longe de ser um mero exercício intelectual. É um instrumento pragmático de mediação e de negociação. Seu objetivo é superar a fragmentação inerente à extrema diversidade de experiências sociais do mundo reveladas pelas diferentes ecologias dos saberes. [...] As traduções interculturais devem ser convertidas em modelos de alianças para práticas coletivas transformadoras, como respostas possíveis e adequadas às experiências de epistemicídio e de pensamento pós-abissal (Sousa Santos, 2018, p. 29-30).

Portanto, a Tradução tem o *Dever* de operar em um espaço onde os costumes, subjetividade, cultura, cosmologia, identidade, valores e crenças de cada grupo social sejam respeitadas e validadas. Essa perspectiva se faz essencial porque os processos de produção de sentido e significado são sempre condicionados pela conjuntura das interações culturais entre o texto original e traduzido.

Ademais, o fato de a palavra “*Dever*” estar sempre formatada com o tipo itálico objetiva destacar o conceito em comparação com os outros apresentados aqui, visto que ele pretende se firmar em meio a outros já consolidados, como a equivalência dinâmica (cf. Nida, 2000) e a domesticação (cf. Venuti, 2019), por exemplo. Similarmente, o uso da palavra “Tradução” com a primeira letra maiúscula, como concretizado ao longo deste trabalho de pesquisa, é uma escolha política relacionada ao conceito de *Dever*. Tal uso pretende intensificar o impacto dado a essa área do conhecimento, majoritariamente mencionada como Estudos da Tradução, enfatizando as repercussões da prática tradutória nos demais sistemas que a permeiam, como os contextos de produção e circulação, e a recepção do público alvo, por exemplo.

3.2. Invisibilidade do Tradutor e Escândalos da Tradução

Lawrence Venuti é um teórico e tradutor norte-americano contemporâneo, renomado no mundo todo por suas contribuições acadêmicas ao campo dos Estudos da Tradução, principalmente no que tange os aspectos críticos e políticos dessa disciplina. Seus trabalhos estão entre os mais citados da área, como os livros “A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução”, de 2021, e “Escândalos da tradução: por uma ética da diferença”, de 2019¹². Em ambos, o autor aborda a Tradução através de um viés crítico e contra hegemônico, principalmente pela proposição de conceitos como invisibilidade, estrangeirização, escândalos etc (cf. Venuti, 2019; 2021). O teórico, além de criticar a excessiva domesticação dos textos de culturas estrangeiras, promovida pelas culturas hegemônicas, também discute as inevitáveis diferenças culturais com as quais os(as) tradutores(as) devem lidar durante a prática tradutória, visto que a Tradução funciona como uma ferramenta de mediação cultural (Venuti, 2019; 2021).

Segundo o autor,

Ao mesmo tempo que a tradução constroi uma representação doméstica para um texto ou cultura estrangeiros, ela constroi um sujeito doméstico, uma posição de inteligibilidade que também é uma posição ideológica, informada pelos códigos e cânones, interesses e agendas de certos grupos sociais domésticos. [...] A escolha calculada de um texto estrangeiro e da estratégia tradutória pode mudar ou consolidar cânones literários, paradigmas conceituais, metodologias de pesquisa, técnicas clínicas e práticas comerciais na cultura doméstica (Venuti, 2019, p.138-139).

Uma vez que as ideologias e costumes incrustados na tradução de textos estrangeiros apenas reproduzem os comportamentos convenientes para aqueles(as) que detém o poder, a formação de identidades culturais nacionais fica cerceada (Venuti, 2019). Ou seja, a Tradução molda a visão de mundo dos(as) receptores(as), influenciando-os(as) de acordo com valores, crenças e interesses específicos. Esse fenômeno acontece sobretudo como consequência das relações de poder que envolvem a Tradução, nas quais editoras conservadoras, governos autoritários e/ou elites dominantes, por exemplo, decidem o que é traduzido, como e com qual finalidade (Venuti, 2019).

Portanto, como o(a) tradutor(a) age na mediação entre diferentes culturas, epistemologias, valores e crenças, suas práticas tradutórias devem ser guiadas por

¹² Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/37133>>. Acesso em: 24/03/2025.

perspectivas sociais mais justas e que não reforcem estereótipos e preconceitos, ou alimentem movimentos xenofóbicos e discriminatórios, por exemplo (Venuti, 2019). O conceito de *Dever* proposto nesta pesquisa pode ser utilizado como uma dessas abordagens pela qual o(a) tradutor(a) desafia os paradigmas dominantes e hegemônicos, pautados nas relações de poder entre grupos culturalmente diversos.

3.3. Teoria da Funcionalidade (*Skopostheorie*)

Christiane Nord é uma pesquisadora e tradutora alemã reconhecida por aplicar e expandir o funcionalismo em suas pesquisas no campo dos Estudos da Tradução, principalmente no que diz respeito ao trabalho linguístico do(a) tradutor(a) (Nord, 2016)¹³. Sua principal corrente teórica é a da Funcionalidade (*Skopostheorie*), que aborda questões sobre a importância de uma análise textual¹⁴ minuciosa e orientada especificamente para o campo dos Estudos da Tradução. Além disso, Nord (2016) enfatiza que a Tradução é uma prática socialmente situada, na qual o(a) tradutor(a) analisa as intenções do(a) autor(a) e as necessidades do público alvo, equilibrando ambas na mediação de significados.

Para a autora, as situações comunicativas envolvem diversas mudanças, trocas e negociações, sejam elas entre os(as) atores(as) sociais envolvidos(as), seja entre diferentes contextos de cultura, historicidade, circulação, tempo, espaço etc. Tal processo pode mudar por completo a função e/ou propósito do texto e, conseqüentemente, a recepção do público alvo. Ela afirma que “a recepção do tradutor (isto é, a maneira como recebe o texto) acontece, portanto, tendo em vista as necessidades comunicativas do iniciador ou do público do TA, como se a leitura do TF¹⁵ fora feita pelo olhar do Outro” (Nord, 2016, p. 32).

Dessa forma, traduzir não é apenas transpor palavras, mas adaptar o texto para que ele seja eficaz entre os(as) receptores(as) da língua e cultura alvos. Tal noção vai

¹³ Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v2n34p313>>. Acesso em: 24/03/2025.

¹⁴ Neste caso, entende-se o texto não apenas como meio escrito, mas também como “uma ação comunicativa que pode ser realizada por uma combinação de meios verbais e não verbais” (Nord, 2016, p. 39).

¹⁵ Texto fonte, Nord (2016).

ao encontro do conceito de *Dever*, defendendo que, mais do que buscar uma recepção considerada bem-sucedida nos moldes hegemônicos, os(as) tradutores(as) devem operar preservando ou ressignificando o contexto sócio-histórico-cultural de cada recepção, de acordo com as necessidades e expectativas do público alvo.

3.4. Tradução Intercultural

Boaventura de Sousa Santos é um sociólogo português conhecido por suas contribuições acadêmicas no que tange a globalização, a Sociologia do Direito e do Estado, as diversas epistemologias e os movimentos sociais¹⁶. Ele desenvolveu teorias relevantes a respeito da aceitação e reprodução igualitária de todos os tipos de conhecimento, científico ou não, como as “Epistemologias do Sul¹⁷” e “As ecologias dos saberes¹⁸”, contribuindo para a elaboração de teorias substanciais no campo dos Estudos Decoloniais (Sousa Santos, 2018).

O autor também implementa essa perspectiva no campo dos Estudos da Tradução, através do conceito da Tradução Intercultural. Essa teoria é uma resposta à monocultura do conhecimento e da cultura, nas quais apenas os pensamentos Eurocêntrico e Ocidental são considerados válidos, e portanto, passíveis de reprodução, enquanto outras formas de saber são sistematicamente silenciadas e invisibilizadas (Sousa Santos, 2018). Ele afirma que

¹⁶ Disponível em: <<https://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/en/homepage.php>>. Acesso em: 24/03/2025.

¹⁷ Segundo o autor, “A pluralidade epistemológica do mundo e, com ela, o reconhecimento de conhecimentos rivais dotados de critérios diferentes de validade tornam visíveis e credíveis espectros muito mais amplos de acções e de agentes sociais. Tal pluralidade não implica o relativismo epistemológico ou cultural mas certamente obriga a análises e avaliações mais complexas dos diferentes tipos de interpretação e de intervenção no mundo produzidos pelos diferentes tipos de conhecimento. [...] Designamos a diversidade epistemológica do mundo por epistemologias do Sul. O Sul aqui é concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo” (Sousa Santos, 2009, p.12-13).

¹⁸ Segundo o autor, “A ecologia dos saberes se opõe à lógica da monocultura do conhecimento e do rigor científicos, e identifica outros saberes e critérios de rigor e validez que operam de forma crível em práticas sociais que a razão metonímica declara não existentes. [...] Aprender um determinado conhecimento pode implicar esquecer outros tipos de saberes ou, na realidade, ignorá-los. [...] Assim, em cada passo da ecologia dos saberes é fundamental perguntar--se se o que aprendemos é válido e se o que sabemos se deve esquecer ou desaprender e por quê” (Sousa Santos, 2018, p. 223).

[...] O objectivo do trabalho de tradução é criar constelações de saberes e de práticas suficientemente fortes para fornecer alternativas credíveis à fase presente do capitalismo global, que se caracteriza tanto por ameaçar a uma escala sem precedentes os ciclos de renovação da natureza, como por sujeitar domínios cada vez mais amplos da interação social à lógica mercantil (Sousa Santos, 2018, p. 290).

Sendo assim, a Tradução Intercultural tem objetivos muito semelhantes aos da concepção de *Dever* proposta aqui, pois ambas almejam que as práticas tradutórias sejam fonte de conexão entre diferentes grupos sociais, sem que haja a imposição de uma cultura e/ou epistemologia em detrimento de outra. Essas perspectivas pretendem capturar e refletir as formas distintas de conhecimento, valores e visões de mundo que caracterizam cada sociedade. Portanto, a Tradução tem o *Dever* de atuar como uma prática social dinâmica, servindo à justiça e igualdade sociais, bem como à revolução de grupos políticos e organizações ativistas, que se pretende construir a favor da ecologia dos saberes, por exemplo. Essa perspectiva pretende ainda romper com o pensamento colonial que promove a dominação cultural e epistemológica sobre àquelas politicamente marginalizadas e/ou reprimidas (Sousa Santos, 2018).

4. DISCUSSÃO

A contribuição de perspectivas teórica, metodológica e epistemológica propostas nesta monografia pretende colaborar para a compreensão e discussão das consequências sociais, históricas, culturais e políticas que atravessam a Tradução e os(as) tradutores(as) e, como resultado, são refletidas na recepção do público e cultura alvos. Como afirmado por Lawrence Venuti, “a tradução exerce um enorme poder na construção de identidades nacionais como culturas estrangeiras, e assim ela se faz notar potencialmente em discriminação étnica, confrontos geopolíticos, colonialismo, terrorismo, guerra” (Venuti, 2021, p. 56-57). Ou seja, a maneira como os(as) tradutores(as) lidam com as escolhas léxico-discursivas dentro de suas práticas é determinante para intensificar ou mitigar as relações de poder, controle e dominação intrínsecas a tal ofício.

Dessa forma, não é difícil encontrar casos de sucesso onde a manipulação das massas (Herman; Chomsky, 2008) foi realizada e/ou consolidada, através do controle dos meios de comunicação, e, conseqüentemente, da Tradução, para servir aos interesses das elites dominantes. Segundo os autores,

O modelo de propaganda concentra-se nessa desigualdade de riqueza e poder, e em seus efeitos nos múltiplos níveis de interesses e escolhas da mídia de massa. Ele traça as rotas pelas quais o dinheiro e o poder filtram as notícias adequadas para publicação, marginalizam vozes dissidentes e permitem que o governo e os interesses privados dominantes transmitam suas mensagens ao público¹⁹ (Herman; Chomsky, 2008, p.61).

Diante de tal panorama, a Tradução, assim como o Jornalismo e a Educação, por exemplo, é parte fundamental na constituição dos sistemas ideológicos de produção de sentido. Assim, admitir seu *Dever* como prática social implica reconhecer também seu caráter ético, através do qual é possível expandir o acesso às perspectivas politicamente silenciadas e interromper os mecanismos hierárquicos de controle.

¹⁹ No original: “A propaganda model focuses on this inequality of wealth and power and its multilevel effects on mass-media interests and choices. It traces the routes by which money and power are able to filter out the news fit to print, marginalize dissent, and allow the government and dominant private interests to get their messages across to the public”. Tradução da autora.

A discussão sobre as dimensões culturais, políticas, históricas e epistemológicas constituintes da Tradução pode ser recente neste campo, mas já ocorre naturalmente dentro dessa área e de outras áreas do conhecimento a mais tempo (cf. Bassnett; Lefevere, 1990). Na Literatura, além de diferentes traduções de um mesmo livro serem feitas ao longo do tempo, também se fazem muitas adaptações de acordo com o público alvo de cada tradutor(a) e/ou editora (Nord, 2016). O livro “Alice no país das maravilhas”, escrito por Lewis Carroll em 1865, por exemplo, possui mais de cinco traduções para o português brasileiro, cada uma com suas próprias especificidades tradutórias, como verificado pela pesquisadora em Crítica Literária Cynthia Beatrice Costa (2008).

Como dito por Costa (2008), a tradução de Ana Maria Machado é voltada para o público infanto-juvenil, mas difere das outras porque a tradutora optou por substituir as canções e poemas do original para aquelas já consolidadas no folclore e imaginário infantil popular brasileiro. Já o tradutor Sebastião Uchoa Leite escolheu se manter fiel ao texto fonte em sua literalidade e estrutura, fazendo com que sua tradução tivesse o vocabulário mais adulto e, conseqüentemente, se tornasse a mais aclamada nos meios acadêmico e literário (Costa, 2008).

Do mesmo modo, no Cinema, o processo de adaptação cultural da Tradução ocorre de forma natural, mas não aleatória, mediado através das equipes de legendagem e dublagem (Santana; Conceição, 2018). É muito comum que expressões idiomáticas e ditados populares, bem como títulos de filmes, presentes no roteiro original sejam traduzidos e/ou adaptados de maneira discrepante na percepção do público leigo. Contudo, quando analisados com mais atenção, é possível perceber que alguns métodos específicos da Tradução, como os da domesticação (cf. Venuti, 2021) e da tradução intercultural (cf. Sousa Santos, 2018) são aplicados de forma consciente nesse contexto.

Isso demonstra que as escolhas dos(as) tradutores(as) também consideram os objetivos comunicativos do material audiovisual e as expectativas do público alvo, o povo brasileiro nesse caso, assim como foi evidenciado por Nord (2016). A autora entende a Tradução como uma prática orientada para fins específicos dentro de

contextos sociais, históricos e culturais definidos, e, portanto, deve agir na mediação entre significados e audiências.

O professor de língua inglesa Christiano Santana e a professora de produção textual Adriana Conceição discutem os efeitos de sentido produzidos no público alvo, consciente ou inconscientemente, a partir das escolhas tradutórias na produção da legenda e da dublagem do filme “A nova onda do imperador” (2000), do inglês para o português brasileiro (cf. Santana; Conceição, 2018). Por exemplo, num dos diálogos do filme, onde a frase original é “*Wrestled you in high school?*”²⁰, a equipe de dublagem optou pela tradução “É da aula de capoeira?”. Segundo Santana e Conceição (2018),

Na dublagem, foi feita uma adaptação, pois os vocábulos high school e “colegial” não possuem relação alguma com o termo “aula de capoeira”. [...] Essa expressão partiu singularmente da perspectiva do sujeito-tradutor, pois [...] no processo de dublagem a oralidade se mostra como um aspecto significativo, [...] de modo que o público-alvo possa ser conduzido com mais desenvoltura e familiaridade na interpretação de um termo concernente a um esporte tão popular no Brasil (Santana; Conceição, 2018, p.19).

Ou seja, mesmo com as limitações técnicas do gênero, principalmente no que diz respeito à sincronização labial, os(as) tradutores(as) ainda priorizaram o equilíbrio entre a sintaxe do texto original e uma adaptação natural para o contexto cultural brasileiro. Essa atenção às escolhas tradutórias evidencia que a Tradução não é apenas um processo linguístico, mas uma prática social cujos efeitos, positivos ou negativos, repercutem na sociedade e não podem ser ignorados pelas Ciências Humanas, como será melhor exemplificado a seguir.

4.1. A Tradução e a censura na ditadura militar brasileira

No Brasil, a ditadura militar (1964-1985) que se seguiu após o golpe de 1964 é apenas um exemplo da repressão sofrida pela população brasileira ao longo do tempo. A censura imposta por tal regime abrangia desde a circulação de conteúdos da imprensa no geral, até produções artísticas como músicas, novelas, filmes etc. O cerceamento da liberdade de expressão promovido pelo Estado tinha como objetivo

²⁰ “Lutei com você no ensino médio?” (Tradução da autora).

criar modelos identitários alinhados aos interesses do regime e legitimar a violência, a tortura, os assassinatos e a perseguição política (Carvalho, 2002).

Músicas como “Cálice”, de Chico Buarque e Milton Nascimento e “Mosca na sopa”, de Raul Seixas²¹, bem como os livros “Zero”, de Ignácio de Loyola Brandão e “Feliz ano novo”, de Rubem Fonseca²² são apenas alguns exemplos de obras artísticas censuradas por conterem críticas diretas e/ou simbólicas ao regime. Naquela época, mesmo sob dura repressão, tais obras fomentaram a reação dos movimentos sociais democráticos contrários aos militares. Já nos dias atuais, através da memória coletiva, elas são sinônimos da luta e da resistência promovidas pela mobilização popular do período.

Do mesmo modo, os(as) tradutores(as) e a Tradução também tiveram um papel fundamental neste cenário, seja através da imposição ideológica praticada pelo regime que propagava conteúdos alinhados aos seus próprios interesses (Carvalho, 2002), seja através da resistência político-social promovida por editoras que traduziram e publicaram textos e/ou livros com temas censurados (Reimão, 2011). Tal dicotomia reforça o argumento de que a Tradução atua como uma prática social, pois, “qualquer uso da língua é, dessa maneira, um lugar de relações de poder, uma vez que uma língua, em qualquer momento histórico, é uma conjuntura específica de uma forma maior dominando variáveis menores” (Venuti, 2019, p.25).

Um exemplo palpável dessas dinâmicas de poder no regime militar foi a atuação do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (Ipes, doravante), órgão encarregado de

[...] escrever, traduzir, distribuir material impresso anticomunista, antitrabalhista e antipopulista, assim como traduzir e reimprimir livros, artigos e panfletos escolhidos. [...] Aqui, vale ressaltar que o programa de traduções implementado por esse grupo era feito pelo Coronel Octavio Alves Velho que, além de ter sido um ativista ipesiano, foi diretor da Mesbla S.A. (DREIFUSS, 1984:194-5) e tradutor [...], demonstrando, assim, a integração dos militares com o meio empresarial e com o ofício da tradução (Carvalho, 2002, p. 45).

Esse cenário evidencia como a Tradução pode ser operacionalizada para cumprir

²¹ Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/radio/programas/980256-censura-nunca-mais/>>. Acesso em: 29/07/2025.

²² Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/as-paginas-proibidas/>>. Acesso em: 29/07/2025.

objetivos políticos muito específicos. Os tradutores do Ipês trabalhavam sob a orientação de combate a ideologias comunistas e propagação da agenda militar, implicando em um processo de manipulação das informações contidas no texto original, sempre favorável às suas próprias ideologias (Carvalho, 2002).

Um dos livros traduzidos pelo programa de traduções do Ipês foi “*Animal Farm*”, escrito por George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, um escritor inglês nascido na Índia durante a colonização britânica²³. O livro, publicado em 1964 no Brasil com o título “A revolução dos bichos”, foi escolhido pelos militares como arma ideológica, em uma tentativa de desacreditizar os movimentos populares de esquerda no Brasil, visto que a promessa de igualdade dos comunistas, mesmo que alcançada, logo se transformaria em uma nova forma de opressão, assim como na história. As principais escolhas tradutórias feitas pelo tradutor encarregado Tenente Heitor Ferreira de Aquino que evidenciam como a percepção do público alvo é facilmente influenciada através da Tradução se encontram logo no título (Carvalho, 2002).

A primeira delas é o uso da palavra “revolução”, que não faz nenhuma referência ao original, uma vez que este poderia ser traduzido de forma literal como “A fazenda dos animais²⁴”. Essa escolha reflete a carga política atribuída ao livro pelos militares que, posteriormente, tentaram subverter a mensagem da obra literária de maneira favorável a si mesmos. A segunda é a preferência pela palavra “bichos” ao invés de “animais”. Segundo o Dicionário Brasileiro Online Michaelis da Língua Portuguesa, a primeira entrada de significado da palavra “bicho” é “denominação genérica que se dá aos seres do reino animal, à exceção do homem; animal”, mas também possui as entradas pejorativas “designativo do ser humano como ser mortal, sem valor, pequeno e passível de decomposição” e “pessoa muito feia ou ridícula”²⁵ (Carvalho, 2002).

Desse modo, os militares pretendiam associar características negativas às pessoas revolucionárias, isto é, os comunistas, principalmente para justificar as atitudes violentas em relação a eles. Nas palavras do professor e tradutor Christian Hydalgo

²³ Disponível em: <<https://www.fflch.usp.br/67217>>. Acesso em: 04/08/2025.

²⁴ No original: “Animal farm”. Tradução da autora.

²⁵ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=bicho>>. Acesso em: 05/08/2024.

Carvalho²⁶,

Dessa maneira, a utilização das palavras "revolução" e "bichos" lado a lado, provavelmente, tinha como intuito fazer com que as pessoas, ao lerem *A Revolução dos Bichos*, tivessem em mente o aspecto negativo das revoluções, [...] [o] que colocaria um fim às esperanças do surgimento de uma revolução do comunismo no Brasil (Carvalho, 2002, p.83).

Como visto acima, o uso estratégico da Tradução durante a ditadura pelos militares impactou diretamente na formação e transformação da identidade cultural brasileira da época. Nas palavras de Venuti, “Os textos estrangeiros são, em geral, reescritos para se moldarem a estilos e temas que prevalecem naquele período nas literaturas domésticas [...] (Venuti, 2019, p. 138)” e, ao manipular os sentidos de obras como “*A revolução dos bichos*”, o regime influenciava as narrativas ideológicas e políticas que habitavam nas percepções coletivas da população, de acordo com seus interesses próprios.

No entanto, também é possível encontrar exemplos nos quais a Tradução, fiel ao seu *Dever* para com a sociedade, operou favoravelmente a ela durante a ditadura militar. A Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) e o Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP) eram entidades responsáveis pela censura contra jornais, revistas, livros, peças de teatro e produções culturais e artísticas em geral que, direta ou indiretamente, questionavam de alguma forma a ordem vigente (Reimão, 2011). Diversas obras e textos filosóficos, políticos, acadêmicos etc, nacionais e estrangeiros, enfrentaram restrições em suas publicações com a justificativa de ferirem e subverterem a moral e os bons costumes (Reimão, 2011).

Ainda assim, algumas dessas edições e traduções conseguiram circular e atingir o público, através de estratégias de camuflagem editorial ou da atuação crítica dos(as) tradutores(as), que assumiram conscientemente os riscos envolvidos nessa prática. Como pontuado pela professora e pesquisadora Sandra Lúcia Reimão²⁷

Na segunda metade da década de 1970, escritores, editores, intelectuais,

²⁶ Disponível em: <<https://www.christiancarvalho.com/curr%C3%ADculo>>. Acesso em: 05/08/2025.

²⁷ Disponível em: <<https://usp-br.academia.edu/SandraReimao>>. Acesso em: 05/08/2025.

artistas, cientistas, professores, e a sociedade em geral, começaram a mobilizar-se para resistir e protestar contra os desmandos e arbítrios de um regime autoritário. Essa resistência da sociedade aos atos autoritários do governo de então, culminou, com várias demonstrações e atos públicos de repúdio ao autoritarismo (Reimão, 2011, p. 59-60).

Editoras como a Editora Civilização Brasileira, a Editora Globo, a Editora Vozes e a Editora Artenova são apenas alguns exemplos nos quais a Tradução, e, conseqüentemente, o mercado editorial no geral, agiram como ferramenta de resistência intelectual e política durante o regime militar, destacando o compromisso ético dos(as) tradutores(as) e editores(as) diante da censura e opressão (Reimão, 2011).

Portanto, é inegável que, no contexto da ditadura militar brasileira, a Tradução desempenhou um papel essencial ao incentivar a revolução social e política, por meio da circulação de ideias críticas ao regime. Por fim, Reimão conclui que,

Foram muitos os atos e as manifestações contra a censura por parte de grandes escritores [...] e também por parte de grandes intelectuais e editores [...]. Por fim, e talvez principalmente, foram muitos os atos de resistência realizados por uma legião de anônimos - pequenos e médios editores, impressores e livreiros que, no limite de seus campos de ação, atuaram com dignidade e em prol da liberdade, mesmo em tempos sombrios (Reimão, 2011, p. 111).

Tal cenário reforça a ideia de *Dever* da Tradução em sua responsabilidade social, uma vez que os(as) tradutores(as) optaram por traduzir não apenas o que era permitido, mas também dar espaço àqueles grupos silenciados pelo poder vigente.

4.2. A Tradução e a decolonialidade na América Latina

Na América Latina, o conceito de decolonialidade vêm sendo amplamente discutido desde o final do século XX. Após o fim da Guerra Fria (1947-1991) e a queda do bloco socialista, as transformações geopolíticas e ideológicas que se sucederam transformaram as relações internacionais e econômicas. A nova ordem mundial foi dividida entre civilizações, e não mais entre ideologias, como proposto por Samuel Huntington, em 1996 (Mignolo, 2005). Nesse panorama, a América Latina foi

considerada como uma civilização independente do Ocidente, conquistando a oportunidade de questionar as imposições históricas e epistemológicas da lógica eurocêntrica e ocidentalizada.

Como explicado pelo professor e pesquisador argentino Walter Mignolo²⁸,

As bases históricas da decolonialidade se encontram na Conferência de Bandung de 1955, na qual se reuniram 29 países da Ásia e da África. O principal objetivo da conferência era encontrar as bases e a visão comum de um futuro que não fosse nem capitalista nem comunista [...], mas de desprender-se das principais macro-narrativas ocidentais. Foi imitada pela conferência dos Países Não Alinhados que aconteceu em Belgrado em 1961, na qual vários estados latino-americanos somaram suas forças aos asiáticos e africanos. [...] Faz, portanto, 53 anos que se estabeleceram os fundamentos políticos e epistêmicos da decolonialidade (Mignolo, 2017, p.14-15).

Sendo assim, o conceito de decolonialidade difere do de descolonização porque um é o pensamento crítico e contra hegemônico acerca do processo de descolonização e o outro diz respeito ao processo político de independência de países desestabilizados pelo processo traumático da colonização, respectivamente (Mignolo, 2008). Ao ter suas relações ideológicas desvinculadas de outros países e/ou regiões, a América Latina pôde romper com a subalternidade e os paradigmas coloniais forçados anteriormente. Uma das alternativas para resistir à imposição do pensamento colonial é a Ecologia dos Saberes, conceito no qual a monocultura do conhecimento é questionada, propondo uma relação igualitária entre as epistemologias e saberes locais, indígenas, quilombolas, afrodescendentes e de qualquer outro grupo social que foi político e historicamente marginalizado (Sousa Santos, 2018).

Ainda há várias outras tentativas de incorporar a decolonialidade e o pensamento decolonial, direta ou indiretamente, nos Estudos da Tradução. Entre elas, destacam-se as contribuições de Mona Baker (2006), Eduardo Viveiros de Castro (2018) e Glória Anzaldúa (1987). A professora, pesquisadora e tradutora Mona Baker²⁹ propõe compreender a Tradução por meio de uma teoria da narratividade, pontuando a participação ativa de tradutores(as) e intérpretes na construção de narrativas políticas

²⁸ Disponível em: <<https://scholars.duke.edu/person/walter1654>>. Acesso em: 05/08/2025.

²⁹ Disponível em: <<https://manchester.academia.edu/MonaBaker>>. Acesso em: 06/08/2025.

em contextos de conflito (Baker, 2006). Embora ela não empregue explicitamente o termo decolonialidade, sua análise reconhece que,

Em todos esses ciclos elaborados de dominação e contestação de dominação, e na complexa interação entre poder e resistência, a tradução está quase sempre presente de alguma forma. Esse sempre foi o caso, mas se aplica particularmente ao século XXI, com suas economias globalizadas e o ressurgimento agressivo de impérios coloniais. [...] Mas devemos nos lembrar de que a tradução também oferece – e tem oferecido desde sempre – grandes oportunidades para contestar e minar essa mesma dominação³⁰ (Baker, 2006, p.25).

Similarmente, o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro³¹ apresenta uma perspectiva contemporânea para os Estudos da Tradução ao propor o Método da Equivocação Controlada³², baseado em cosmologias Ameríndias (Viveiros de Castro, 2018). Esse método procura capturar a essência única e complexidade de perspectivas culturais sem impor uma interpretação unilateral, desafiando as visões etnocêntricas dominantes na academia, que frequentemente assumem o pensamento Ocidental como norma (Viveiros de Castro, 2018). Segundo o autor, “Traduzir é presumir que uma equivocação já existe; é comunicar por diferenças, ao invés de silenciar o Outro presumindo uma univocalidade – a similaridade essencial – entre o que o Outro e Nós estamos dizendo” (Viveiros de Castro, 2018, p. 255). Logo, a Tradução é palco de negociação entre múltiplas epistemologias e deve agir como uma das ferramentas pela qual a decolonialidade é praticada.

Por sua vez, a poeta, chicana e ativista Gloria Anzaldúa³³ foi uma mulher da

³⁰ No original: “In all these elaborate cycles of dominance and contestation of dominance and the complex interplay between power and resistance, some form of translation is almost always present. This has always been the case, but it is particularly true of the twentyfirst century, with its globalized economies and aggressive resurgence of colonial empires. [...] But we must remember that translation also offers – and has always offered – major opportunities for contesting and undermining this very domination”. Tradução da autora.

³¹ Disponível em: <<https://www.cobogo.com.br/eduardo-viveiros-de-castro>>. Acesso em: 24/03/2025.

³² Segundo o autor, “Traduzir é situar a si mesmo no espaço da equivocação e ali habitar. Não é desfazer a equivocação (uma vez que isto seria supor que a mesma jamais existiu em primeiro lugar), mas precisamente o oposto é verdadeiro. Traduzir é enfatizar ou potencializar a equivocação, isto é, abrir e alargar o espaço imaginado como não existente entre as línguas conceituais em contato, um espaço que a equivocação precisamente ocultava. A equivocação não é aquilo que impede a relação, mas aquilo que a funda e a impulsiona: uma diferença de perspectiva” (Viveiros de Castro, 2018, p.254-255).

³³ Disponível em: <<https://35.bienal.org.br/participante/gloria-anzaldua/>>. Acesso em: 06/08/2025.

fronteira entre México e Estados Unidos e viveu dividida entre duas línguas, culturas e identidades não apenas diferentes, mas também antagônicas.

Os gringos da fronteira sudoeste dos EUA consideram as habitantes das fronteiras como transgressoras, alienígenas - quer elas tenham documentos ou não, quer elas sejam Chicanas, Indígenas ou Pretas. Não entrem, invasoras serão estupradas, mutiladas, estranguladas, envenenadas, baleadas. Os únicos habitantes 'legítimos' são aqueles no poder, os brancos e os que se consideram brancos³⁴ (Anzaldúa, 1987, p. 3-4).

Por ser considerada mexicana e imigrante, ela era desprezada pelos estadunidenses. Do mesmo modo, os mexicanos rejeitavam-na por ter nascido em solo norte americano,

“*Pocha*, traidora cultural, você está falando a língua do opressor ao falar inglês, você está arruinando a língua espanhola”, eu fui acusada por vários Latinos e Latinas. O espanhol Chicano é considerado pelos puristas e pela maioria dos Latinos como deficiente, uma mutilação do espanhol (Anzaldúa, 1987, p. 55).

No entanto, mesmo sendo vítima do racismo, da xenofobia, do sexismo e do preconceito linguístico, Anzaldúa expõe o sofrimento de tais intolerâncias, admite sua ancestralidade com orgulho e demonstra força e resistência através de suas obras, como no livro “*Borderlands/La frontera: the new mestiza*”. Como é possível perceber pelo próprio título, a autora se utiliza de uma escrita multilíngue e decolonial, que mistura vocabulários em inglês, espanhol castelhano, Tex-Mex/*Spanglish*³⁵, dialeto nortenho mexicano³⁶, espanhol chicano³⁷, e um pouco de *Nahuatl*³⁸, todas línguas que constituem sua cultura e reafirmam sua existência (Anzaldúa, 1987).

³⁴ No original: “*Gringos in the U.S. Southwest consider the inhabitants of the borderlands transgressors, aliens - whether they possess documents or not, whether they're Chicanos, Indians or Blacks. Do not enter, trespassers will be raped, maimed, strangled, gassed, shot. The only 'legitimate' inhabitants are those in power, the whites and those who align themselves with whites*”. Tradução da autora.

³⁵ Segundo Gloria Anzaldúa, Tex-Mex ou *Spanglish* é uma língua derivada do espanhol com elementos incorporados do inglês, resultado da imposição do mesmo aos falantes espanhóis (Anzaldúa, 1987).

³⁶ Segundo Anzaldúa (1987), é um espanhol mexicano que se diferencia dos outros por conta do contato com a região fronteira com os Estados Unidos.

³⁷ Segundo a autora, o povo Chicano é descendente da união entre os povos originários da região que atualmente compreende o estado do Texas, nos Estados Unidos, e os colonizadores espanhóis. A língua falada por eles se desenvolveu nas regiões fronteiriças, misturando e adaptando o inglês e o espanhol, tanto na gramática quanto no sotaque (Anzaldúa, 1987).

³⁸ Segundo Gloria Anzaldúa, o *Nahuatl* é a língua do povo originário que migrou do Estreito de Bering em direção ao sul da América e se estabeleceu em *Aztlán*, região que atualmente compreende o sudoeste norte-americano (Texas, Estados Unidos). Posteriormente, esse seria o povo reconhecido como *Aztecas* (Anzaldúa, 1987).

Ou seja, Gloria Anzaldúa utiliza a Tradução não apenas como prática textual passiva, mas também como objeto de resistência da expressão de grupos política e historicamente marginalizados desde a colonização das Américas, além de contribuir para a tomada da consciência da decolonialidade desses mesmos grupos. Por exemplo, quando a autora narra memórias sobre sua infância, sua escolha tradutória é escrever na língua ligada afetivamente à tal momento:

I walk out to the back yard, stare at los rosales de mama. She wants me to help her prune the rose bushes, dig out the carpet grass that is choking them. Mamagrande Ramona tambien tenia rosales. Here every Mexican grows flowers. If they don't have a piece of dirt, they use car tires, jars, cans, shoe boxes. Roses are the Mexican's favorite flower. I think, how symbolic - thorns and all³⁹ (Anzaldúa, 1987, p.90-91).

Isso acontece porque, como dito por Viveiros de Castro, “[...] o objetivo é evitar perder de vista a diferença escondida dentro de ‘homônimos’ equivocais entre nossa língua e a língua de outras espécies, já que nós e eles nunca estamos falando das mesmas coisas” (Viveiros de Castro, 2018, p.252). Neste caso, *rosales*, *rose bushes* e roseiras não têm o mesmo significado, mesmo que, traduzidas para a mesma língua, possuam o mesmo significante.

Do mesmo modo, a autora escolheu retratar a iconografia espiritual e o sincretismo religioso entre os povos indígenas e os colonizadores espanhóis de maneira contrária ao pensamento colonial de dominação. Mesmo quando se refere à mesma divindade nas duas culturas, a primeira colonizada pela segunda, respectivamente, ela ainda utiliza os nomes “originais” dados por cada um dos dois povos. Isso fica claro em trechos como,

After the Conquest, the Spaniards and their Church continued to split Tonantsi/Guadalupe. They desexed Guadalupe, taking Coatlatlopeuh, the serpent/ sexuality, out of her. They completed the split begun by the Nahuas by making la Virgen de Guadalupe/Virgen María into chaste virgins and

³⁹ “Eu saio para o quintal e olho para as roseiras da mamãe. Ela quer que eu a ajude a podar àquelas que estão sufocando com a grama. A bisá Ramona também tinha roseiras. Aqui, toda mexicana cultiva flores. Se elas não têm um pedacinho de terra, usam pneus de carro, potes, latas, caixas de sapato. As rosas são as flores preferidas pelas mexicanas. Eu penso, em como é simbólico - com espinhos e tudo”. Tradução da autora.

*Tlazolteotl/Coatlicue/la Chingada into putas; into the Beauties and the Beasts. They went even further; they made all Indian deities and religious practices the work of the devil*⁴⁰ (Anzaldúa, 1987, p.28).

Ainda que de forma inconsciente, a autora concretiza, por exemplo, o Método da Equivocação Controlada, de Viveiros de Castro (2018), proposto somente décadas depois da publicação do livro dela ao desafiar a narrativa colonial hegemônica, preservando a alteridade cultural e contribuindo para práticas tradutórias que rompem com as epistemologias dominantes. Por fim, segundo esta pesquisa, Gloria Anzaldúa ilustra o que Mona Baker (2006) afirma sobre o papel ativo da Tradução em situações conflitivas,

[...] narrativas pessoais podem ser deliberadamente usadas para perturbar a ordem social. Elas podem ser "resgatadas" e enfatizadas para resistir às narrativas dominantes, para elaborar uma narrativa alternativa do mundo. Isso é precisamente o que muitas feministas tentam fazer, dando voz a relatos negligenciados ou reprimidos da experiência feminina de vida, relatos esses frequentemente mediados pela tradução⁴¹ (Baker, 2006, p.30).

Portanto, reconhecer o *Dever* da Tradução como ferramenta social e, nesse caso, de decolonialidade, implica também viabilizar a valorização de diálogos pluri sociais, culturais, históricos e epistemológicos, rompendo com a lógica colonial homogeneizadora e preservando a abundância de vozes que compõem a América Latina.

⁴⁰ "Depois da Conquista, os Espanhóis e sua Igreja continuaram a dividir *Tonantsi*/Guadalupe. Eles assexuaram Guadalupe, expulsando sua parte serpente/sexualizada *Coatlalopeuh*. Eles continuaram a divisão iniciada pelos Nahuas, convertendo-as em Virgem de Guadalupe/Virgem Maria, virgens castas, e *Tlazolteotl/Coatlicue/la Chingada* em putas; umas Belas e outras Feras. Eles foram além, transformaram todas as divindades e práticas religiosas dos indígenas em obra do diabo". Tradução da autora. Segundo Gloria Anzaldúa (1987), todas as divindades citadas fazem parte de cosmologias indígenas mesoamericanas e são associadas, entre outras coisas, à fertilidade, ao amor, à sexualidade, à purificação etc. *La Chingada* também era uma dessas divindades, mas se transformou numa figura mexicana sócio-histórica-cultural simbolizada por uma mulher estuprada, além de ser associada a violação, opressão e humilhação feminina.

⁴¹ No original: "[...] *personal narratives can be deliberately used to unsettle the social order. They can be 'rescued' and emphasized in order to resist dominant narratives, to elaborate an alternative narrative of the world. This is precisely what many feminists attempt to do by giving voice to neglected or suppressed accounts of the female experience of life, such accounts often being mediated through translation*". Tradução da autora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou propor o conceito de *Dever* como ferramenta para análise da Tradução em sua prática social, através da articulação entre fontes bibliográficas teóricas e da discussão de exemplos pragmáticos da operacionalização de tal conceito. Visto que o *Dever* da Tradução engloba práticas que abrangem desde a responsabilidade ética de tradutores(as), passando pelo questionamento das estruturas de poder, até a resistência de vozes silenciadas, ele se mostrou útil para compreender e discutir como as escolhas tradutórias vão além de uma mera transposição linguística, envolvendo também fatores sociais, culturais, históricos e epistemológicos.

Desse modo, foi possível articular uma considerável discussão teórica em consonância não apenas com as abordagens de Venuti (2019; 2021 respectivamente), Nord (2016) e Sousa Santos (2018), mas também com autores(as) como Viveiros de Castro (2018), Anzaldúa (1987), Carvalho (2002) e Reimão (2011), que enriqueceram a discussão a partir de perspectivas oriundas de outras áreas das Ciências Humanas. Ou seja, a pesquisa não apenas evidenciou a relação interdisciplinar entre os Estudos da Tradução e outras áreas das Ciências Humanas, como a Antropologia, a Sociologia, os Estudos Culturais, e os Estudos Decoloniais, bem como abriu portas para que esse debate se amplie cada vez mais em consonância com conceitos externos de tais campos.

A discussão proposta por esta monografia também pôde responder como o conceito de *Dever* se manifesta no processo tradutório e quais são as implicações dele na sociedade como um todo, levando a duas principais conclusões. A primeira delas é que determinadas escolhas léxico-discursivas feitas pelos(as) tradutores(as) podem contribuir para a manutenção de estruturas hegemônicas e dominantes que perpetuam preconceitos, estereótipos e desigualdades. A segunda é que essas mesmas escolhas podem, e idealmente, devem favorecer a luta e a resistência de grupos sociais minoritários marginalizados contra qualquer forma e/ou estrutura de opressão, como o autoritarismo, a xenofobia, o racismo, o patriarcado, o capitalismo, e o colonialismo.

Os dados e exemplos investigados foram suficientes para sustentar a

argumentação teórica proposta a partir desse conceito e para ilustrar os efeitos de seu uso pelos(as) tradutores(as) na Tradução. No entanto, a operacionalização mais substancial do conceito de *Dever* ainda exige aprofundamento, a fim de validar sua aplicabilidade de forma mais ampla. Por fim, tais lacunas apontam para que pesquisas futuras possam expandir essas discussões, explorando outros gêneros, mídias e contextos sociais, históricos, políticos e epistemológicos, bem como seus impactos em diferentes cenários, especialmente naqueles onde a Tradução traz à tona vozes marginalizadas. Dessa forma, será possível assegurar que visões de mundo alternativas ganhem espaço no debate público e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e humanizada (cf. Sousa Santos, 2018). Através da Tradução, os(as) tradutores(as) têm o *Dever* de agir como mediadores (as) entre diferentes tipos de culturas e conhecimentos, principalmente desafiando as narrativas dominantes e colaborando para a resistência de grupos minoritários marginalizados.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La frontera: the new mestiza**. 1 ed. San Francisco: Aunt Lute, 1987.

BAKER, Mona. **Translation and conflict: a narrative account**. New York: Routledge, 2006.

BASSNETT, Susan. LEFEVERE, André. Proust's grandmother and the thousand and one nights: The 'cultural turn' in Translation Studies. In Bassnett, Susan and André Lefevere, **Translation, history and culture**. London: Pinter. p. 1–13, 1990.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. IN: HEIDERMAN, Werner. **Clássicos da teoria da tradução**, 2. ed. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, p. 202-231, 2010.

CARVALHO, Christian Hygino. **A Revolução dos Bichos: tradução e manipulação durante a ditadura militar no Brasil**. Juiz de Fora: Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2002.

COSTA, Cynthia Beatrice. **Versões de Alice no País das Maravilhas: da tradução à adaptação de Carroll no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. 3. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar de língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2005.

FREIRE, Paulo. FAUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HERMAN, Edward S; CHOMSKY, Noam. **Manufacturing consent: the political economy of the mass media**. London: The Bodley Head, 2008.

JAKOBSON, Roman. On linguistic aspects of translation. In: VENUTI, Lawrence; BAKER, Mona. **The translation studies reader**. New York: Routledge, p.113-118, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**, 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. Organização de Mário Eduardo Martelotta. São Paulo: Contexto, 2011.

MIGNOLO, Walter D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Edgardo Lander (org). Argentina: CLACSO, 2005.

MIGNOLO, Walter D. Desafios decoloniais hoje. In: **Revista Epistemologias Do Sul**, Foz do Iguaçu, v1, n1, p. 12-32, 2017.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Traduzido por Ângela Lopes Norte. In: **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, p. 287-324, 2008.

NIDA, Eugene. Principles of correspondence. In: VENUTI, Lawrence; BAKER, Mona. **The translation studies reader**. London: Routledge, p.126-140, 2000.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática**. Tradução de Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

NUNES, Hellen dos Santos. Reflexos Da Colonização Após 500 Anos: Uma Análise De Comentários Na Guerra Virtual Brasil X Portugal. **PERcursos Linguísticos**, [s. /], v. 9, n. 22, p. 70–84, 2019.

PAGANO, Adriana Silva. As pesquisas historiográficas em tradução. In: PAGANO, Adriana Silva. **Metodologias de pesquisa em tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, p.117-146, 2001.

REIMÃO, Sandra. **Repressão e resistência**: censura a livros na ditadura militar. São Paulo: USP, 2011.

ROMA, E. C.; HEINE, L. M.; SOARES, M. da C. S. Considerações sobre a história da linguística na antiguidade clássica. **Inventário**, n. 26, p. 332–349, 2020.

SANTANA, Christiano; CONCEIÇÃO, Adriana. Os efeitos de sentido produzidos na legendagem e dublagem: o sujeito-tradutor e o processo tradutório. In: **TradTerm**, São Paulo, v.31, p. 4-24, 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**, 1. ed., São Paulo: Cortez, 2013.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. As ecologias dos saberes. In: **Boaventura de Sousa Santos: Construindo as epistemologias do sul para um pensamento alternativo de alternativas**, Volume I. Buenos Aires: CLACSO, p. 223-259, 2018.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Tradução Intercultural: diferir e partilhar con passionaltà. In: **Boaventura de Sousa Santos: Construindo as epistemologias do sul para um pensamento alternativo de alternativas**, Volume I. Buenos Aires: CLACSO, p. 261-296, 2018.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Epistemologias do Sul**. org. Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

VENUTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor**: uma história da tradução. Traduzido por Laureano Pellegrin [et al.]. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2021.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. traduzido por Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo; revisão técnica Stella Tagnin. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

VIAENE, Lieselotte; LARANJEIRO, Catarina; TOM, Miye. The walls spoke when no one else would: Autoethnographic notes on sexual-power gatekeeping within avant-garde academia. In: PRITCHARD, Erin; EDWARDS, Delyth. **Sexual misconduct in academia**: informing an ethics of care in the university. New York, Abingdon: Routledge, p. 208-225, 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Antropologia Perspectivista e o método da equivocação controlada. Tradução de Marcelo Giacomazzi Camargo e Rodrigo Amaro. **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 5, ed. 10, p. 247-264, 2018.